

O Senhor Krishna se deixa amarrar

Recontada por Eesha Sardesai

Muitas *yugas* atrás, na Índia, o Senhor em sua forma como Shri Krishna, viveu a primeira fase de sua infância nos campos exuberantes e nos bosques da aldeia de Gokul. Para os fazendeiros e os pastores que tiveram a boa sorte de morar lá, foi uma época encantadora. Cada dia o jovem Krishna criava uma nova *lila* – uma brincadeira, um jogo divino – para eles testemunharem, se maravilharem e aprenderem.

Em um desses dias, a mãe adotiva de Krishna, Yashoda, estava sentada no degrau da frente de sua casa, com um grande pote de barro diante dela. O pote estava cheio de creme de leite e, de pé no centro, havia um batedor alto, de madeira, com uma corda amarrada em volta. Yashoda puxava cada uma das extremidades da corda, e assim o batedor girava primeiro para um lado e depois para o outro. Ela estava fazendo *makhan* – manteiga.

De um lado para o outro, ela ficava puxando a corda, o rosto brilhando de suor, o cabelo colado na testa enquanto o creme de leite relutantemente se transformava em manteiga. Tão absorta estava em sua tarefa que não notou Krishna saindo de dentro da casa e se aproximando.

"*Maiyya*?" ela ouviu sua doce voz de querubim. Ele ainda era muito pequeno naquela época, pouco antes ainda engatinhava. "Mãe?"

Com um sobressalto Yashoda olhou para cima. Krishna estava de pé diante dela, com o rosto borrado de *kajal*. Parecia que havia chorado.

"*Maiyya*," ele repetiu petulantemente, antes que Yashoda pudesse perguntar o que tinha acontecido. "Estou com *fome*! Por favor, me dê algo para comer."

Yashoda sorriu quando ele disse isso, seus ombros relaxaram. “É só isso?” ela perguntou. Colocou-o em seu colo, lhe deu uma pequena pelota de manteiga e continuou a girar a corda.

No entanto, alguns minutos depois, Yashoda parou novamente. Krishna deu uma olhadela para ela. Havia um olhar de pânico em seus olhos.

“O leite!” ela exclamou. “Deixei no fogão! Vai ferver a qualquer momento!”

Abruptamente ela tirou Krishna do colo e correu para dentro da casa. Krishna a observou enquanto ela se afastava, as sobranceiras franzidas, os lábios voltados para baixo, fazendo beicinho e começando a tremer. Sua mãe parecia se importar mais com o leite do que com ele!

Olhou para o pote de manteiga. De repente, teve uma ideia. Caminhou até o pote, puxou o batedor para fora e então - *crrrrrraaaassh*. De um só golpe, ele atirou o bastão sobre o pote.

Pedaços do pote voaram por toda parte, o *makhan* branco e cremoso havia salpicado tudo ao redor. Ninguém gosta de desperdiçar manteiga, então Krishna pegou um monte dela – o tanto quanto conseguiu – e colocou dentro de uma tigela que estava ali perto. Colocou a tigela contra o peito, lambeu os dedos e saiu em disparada com o seu prêmio.

Yashoda, que ouviu o barulho do pote quebrando, correu para fora para ver o que tinha acontecido. Mas naquele momento Krishna já havia escapado. Ela olhou em volta para o que sobrou de seu dia de trabalho, os fragmentos do pote espalhados pelo degrau da frente, o chão escorregadio com manteiga.

Yashoda fechou os olhos e esfregou as têmporas. Ela sabia que seu Krishna era levado, mas isto já era demais. Por que ele estava sempre causando confusão?

Quantas vezes ele ia surrupiar a manteiga? Suspirando, ela enfiou as pontas do *sari* na saia e saiu para procurá-lo.

Agora, Krishna, sendo o Senhor encarnado, poderia ficar escondido pelo tempo que quisesse. Era por sua própria vontade e compaixão que ele se revelava aos outros. Então ele observou, empoleirado no alto das árvores perto da casa, conforme Yashoda corria por tudo quando é canto chamando o seu nome, espiando nos arbustos, perguntando aos vizinhos onde seu filho ladrão de manteiga havia ido.

Depois que isso durou algum tempo, e Yashoda começou a ficar bastante preocupada, Krishna teve pena dela. Então sacudiu as folhas da árvore para chamar a atenção.

Imediatamente Yashoda olhou para cima. Ali estava, seu filho, completamente absorto atirando pelotas de manteiga na direção de alguns macacos que estavam compartilhando a árvore com ele. Depois de jogar alguns pedaços, ele parava e tomava um pouco de manteiga para si.

"Krishna!" Yashoda gritou, com voz brava. "Desça dessa árvore, imediatamente. Chega dessa travessura! "

Krishna lhe lançou um sorriso deslumbrante e obedientemente, deslizou pela árvore abaixo. Aterrissou diante dela, seus grandes olhos inocentes arregalados, a boca e as mãos empapadas de manteiga.

"Você estava me procurando, *Maiyya*?"

"Se eu estava – se eu estava *procurando por você*?" Ela disse, sem acreditar no que ouvia. Balançou a cabeça e sem dizer palavra, pegou Krishna pela mão e o levou na direção de casa.

“Fique aqui” ela disse assim que chegaram no degrau da frente. “*Não* se mexa. Volto rapidinho. ” E desapareceu dentro da casa.

Um momento depois, ela ressurgiu, com um enorme pedaço de corda enrolada em seus braços.

“Vou amarrá-lo nesse mastro bem aqui,” ela disse, mostrando para um dos pilares do lado da casa. “Sem mais escapadas. Nada de ficar estilhaçando potes de manteiga.”

Krishna apenas olhou para Yashoda com o mesmo sorriso de covinhas. Sua expressão era tão angelical que ela quase teve que virar para o outro lado. A verdade era que o seu coração havia se abrandado no momento em que ela o encontrou na árvore. Mas – isso precisava ser feito. As travessuras não podiam continuar. Levou um momento para ela se recompor antes de passar a corda ao redor dele.

Ela segurou uma extremidade da corda e passou seu braço ao redor do mastro para passar o resto. No entanto, quando ela tentou passar pela barriga de Krishna, a coisa mais estranha aconteceu. A corda era curta demais!

Yashoda não conseguia entender. Ela havia se certificado de que a corda seria longa o suficiente. Na verdade, ela achou que a corda seria muito mais longa do que seria necessário. Ela tentou puxar com mais força, mas não adiantou. A corda não cabia ao redor do Senhor.

Determinada a fazer valer o seu objetivo, Yashoda foi buscar mais corda. Amarrou o novo pedaço àquela corda que ela já estava usando, e os pedaços de corda combinados agora atravessavam todo o pátio. Satisfeita, Yashoda virou-se para o filho e novamente, enrolou a corda em volta dele.

Entretanto, de novo – e sem nenhuma razão, sem nenhuma explicação lógica – a mesma coisa aconteceu. A corda era curta demais.

“O quê?” suspirou Yashoda. Desesperada e insegura sobre o que mais poderia fazer, ela continuou puxando e esticando a corda. Ficou procurando por pedaços cada vez mais longos e os amarrando juntos na esperança de que, eventualmente, ela tivesse um pedaço de corda comprido o suficiente para enrolar em Krishna. Desta maneira, passaram-se horas. Os braços de Yashoda ficaram fracos de exaustão. Sua respiração ficou irregular. Não importava o que fizesse, a corda era sempre uns dois centímetros menor.

Finalmente, Yashoda deixou a corda cair de suas mãos. Ela olhou para o filho, como se o estivesse vendo pela primeira vez, seus lábios levemente entreabertos, uma pequena ruga se formando entre as sobrancelhas. Krishna, que estivera em silêncio todo aquele tempo, simplesmente olhou de volta para ela. Seus olhos cintilaram.

Conforme Yashoda continuava a olhar para ele – com perplexidade, que se transformou em maravilhamento, que por sua vez se transformou em assombro –, sentiu algo mudar dentro de si. Amor – grandiosas, ondas esmagadores de amor – de repente começaram a transbordar de seu coração. Reverência e devoção perpassaram por todo seu ser. Seus olhos se encheram de lágrimas.

Krishna sorriu. “*Maiyya*,” ele disse, “você quer tentar de novo?”

E com isso, o Senhor pegou as pontas da corda e as estendeu para ela.



Esta história é inspirada em um dos contos clássicos do Senhor Krishna recontado no *Shrimad Bhagavatam*, ou Bhagavata Purana. É comum esse conto ser mencionado como *damodara-lila*. Damodara é um dos nomes do Senhor Krishna que significa “o Senhor que tinha uma corda atada ao redor da cintura” e é um dos nomes recitados no *Shri Vishnu Sahasranama*.